

*Um postal vespertino de
Vitória de Santo Antão*

Francismar **Ramírez Barreto**

Doutora em Literatura e Práticas
Sociais (UnB) e pesquisadora do
Grupo de Estudos Osmanianos.

raminier3@gmail.com

Todas as fotos são de autoria de
Francismar Ramírez Barreto

Entre os dias 07/05 e 10/05 de 2009, um grupo de pesquisadoras viajou ao Recife e ao município pernambucano de Vitória de Santo Antão com o intuito de encontrar as pistas reais que as aproximaram do universo ficcional de Osman Lins (1924-1978). A crônica a seguir reconstrói, especificamente, a passagem pela cidade natal do escritor e mostra aos leitores de Lins o ensaio fotográfico (inédito até agora) produto desse percurso revelador.

Tivéssemos chegado um dia antes (na quarta-feira, 6 de maio de 2009), possivelmente teríamos testemunhado algum ato comemorativo ao 198º aniversário de Vitória de Santo Antão. Naquele momento, é claro, nada sabíamos da coincidência. Morava então em Brasília, um ano atrás tinha iniciado os estudos de doutorado e faria (com aquela viagem) a segunda incursão ao Nordeste brasileiro (um território do qual tinha lido e ouvido falar muito). Pensava, com o pulso acelerado e sem comentar com as colegas de nossa pequena (mas vigorosa) “força expedicionária acadêmica”: “Como será Recife?, veremos o INSS?,¹ que vontade de conhecer o Capibaribe, de escutar – *in situ* e entre próprios – essa musicalidade linguística tantas vezes referida. Como será a Vitória pernambucana?”. O objetivo que nos dispôs na fileira 16 do voo 1810 da GOL (saindo da capital federal às 13h30) era criar um vínculo mais vívido com o autor pernambucano Osman Lins. Um escritor que começamos a ler

1 | O Instituto Nacional de Previdência Social (antigo INPS, criado em 1966; Instituto Nacional de Seguridade Social desde 1990) é uma referência importante no romance *A rainha dos cárceres da Grécia*.

(de forma conjunta) no último trimestre de 2008 (embora, individualmente e quase à maneira de iniciação, algumas tivessem lido *Avalovara* pelo menos uma vez). O grupo era formado por duas estudantes de graduação, uma mestranda, uma doutoranda, uma doutora e a professora Elizabeth Hazin. Todas mulheres da área de Letras; as seis unidas, direta ou indiretamente, pelo laço da relação com a Universidade de Brasília, e todas também, em algum momento, alunas de Elizabeth.

Uma das moças mais novas, completamente fisgada pela história de Abel e seus desdobramentos, entrou em contato (dias antes) com uma das filhas do autor: Ângela Lins Pedroso. Durante a conversa telefônica, Ângela mostrou-se disposta a recebê-la no Recife. A notícia correu como pólvora entre as leitoras. Fui a última a ser chamada e, com certeza, a mais cética: “Mas se ontem tivemos reunião, gente! Como é que ninguém falou sobre isso?”. Honestamente, pensei que fosse invenção. Apesar dos risos, a viagem nada teve de piada, e sim muito de expedição. Também naquele momento não tínhamos como prever que aquela equipe daria lugar a um grupo que existe até hoje e que, além das discussões de leitura (básicas), tem empreendido participações em congressos, colóquios, pesquisas em arquivos, elaboração de monografias, dissertações e teses, trabalhos de pós-doc, publicações, diálogos com outros grupos de pesquisa no Brasil e trocas com pesquisadores de Osman Lins no exterior. Das seis, duas perfilaram um caminho próprio, e quatro nos mantivemos ativas na ideia primordial. Em outras palavras: a viagem ao Recife acabou sendo a cola que cimentou o Grupo de Estudos Osmanianos da Universidade de Brasília.

Mas esta breve crônica (embora os fatos se entrecruzem) tem mais a ver com a nossa passagem por Vitória de Santo Antão do que com a formação do grupo. Porque foi esta Vitória, localidade da mata pernambucana cujo toponímico se consolidou na década de 1940, o município que viu nascer Osman Lins. A distância percorrida pelas expedicionárias em 2009 (na direção Recife-Vitória) foi a mesma atravessada pelo escritor 68 anos antes em sentido contrário. Com 16 anos (em 1941), Lins transpôs os 53 km entre Vitória e Recife com a intenção de não voltar à cidade natal. O conto “A partida” (quarta história d’*Os gestos*) reflete bem as sensações dessa mudança. Na capital pernambucana, o tio Álvaro da Costa Lins (que trabalhava no ginásio da cidade) deu-lhe pousada e ajudou-o a começar a trabalhar como escriturário na secretaria da escola.

O “quartel-general” das seis viajantes em 2009 estava localizado na Rua Isaac Salazar, prédio Place de l’Opera, número 102, no bairro nobre da Tamarineira. Chama a atenção que esta pequena rua seja uma das vias paralelas à Conselheiro Rosa e Silva, avenida na qual se localiza o Hospital de Alienados² no qual Maria de França (protagonista de *A rainha dos cárceres da Grécia*) passa mil e uma penúrias.³ Da varanda do apartamento do Place de l’Opera se aprecia a faina diária de alguns operários da construção. Na sala, alguns colchões. Na mochila individual, um colchão inflável. Na mochila de uma colega, um *mat* de ioga. E assim, com espírito aventureiro, infundimos vida ao “acampamento de base”, como

2 | O Hospital de Alienados existe desde 1883 e nasceu como extensão do Hospício de Olinda (que começou a funcionar em 1864 e, em menos de vinte anos, resultou insuficiente para a população). Revista *História, Ciências, Saúde*, v. 12, n. 3, p. 983-1010, set.-dez. 2005. Ana Maria Galdini, Raimundo Oda e Paulo Dalgalarondo: “História das primeiras instituições para alienados no Brasil”.

3 | Conhecido como Hospital de Tamarineira (ou como Hospital Ulysses Pernambucano desde final de 1970), este local foi o segundo hospital psiquiátrico do Brasil e é patrimônio histórico do Estado de Pernambuco desde 1992 (pelo Decreto Estadual n. 15.650).

quem se apronta para estudar um território desconhecido. Regressamos a Brasília no domingo 10 de maio de 2009 às 8h50, dia das mães daquele ano, não sem antes fazer a parada de rigor em um tradicional quiosque do aeroporto (todas sonhávamos com levar “bolo de rolo” para casa). Vitória de Santo Antão nos recebeu um dia antes.

Passadas as 15h do sábado 09/05/2009, fizemos a primeira parada na casa natal de Osman Lins. Estacionamos na frente para observar uma construção que hoje leva o nº 36. Ali, nessa casa do Bairro da Matriz, o alfaiate Teófanés da Costa Lins e a jovem Maria da Paz de Mello Lins tiveram seu único filho, no sábado 5 de julho de 1924, três dias depois da primeira lua cheia desse mês. Por complicações no parto e sem sequer um retrato da mãe, Osman Lins ficou órfão na segunda-feira 21 de julho, dezesseis dias após seu nascimento e a dois dias da lua crescente desse julho. Esta conjuntura fez com que o pai deixasse a criança aos cuidados de Joana Carolina de Figueiredo Lins (avó paterna do autor e viúva de Jerônimo José da Costa Lins) e de Laura da Costa Lins, irmã de Teófanés e esposa do comerciante Antônio Figueiredo (Laura e Antônio não tiveram filhos).

Batemos na porta da casa nº 36, mas ninguém atendeu nosso chamado. Ficamos na frente absorvendo a geometria simples das janelas e da porta, as cores atuais da construção (fundo branco com detalhes em amarelo ocre) e fotografando a cerca de tijolos furados que delimitava a entrada. Encontramos, nessa mesma via, uma indicação que anunciava: “Rua Osman Lins. Antiga Rua do Rosário”. Era pouco para o que procurávamos, mas dar com essa placa pareceu ao mesmo tempo um secreto ato inicial de boas-vindas.

Para chegar à seguinte moradia de nossa lista mental atravessamos uma feira livre que seria desman-



4 | A fonte inicial destas informações foi o volume escrito por Regina Igel em 1988 (*Osman Lins, uma biografia literária*). Diante da dúvida a respeito de algumas datas, Ângela Lins proporcionou os dados ou nomes exatos em depoimento de 29/06/2014.

telada às 16h30. O local que não nos aguardava, mas ao qual chegamos pouco depois (recebidas com uma dúvida lógica que rápido se transformou em amabilidade) foi a casa de Joana Carolina. A avó de Osman Lins, falecida na sexta-feira 7 de agosto de 1959 (com 86 anos), morava na Rua Alferes João de Matos, do Bairro Matriz. A tia Laura (que nasceu em 1900 e viveu 77 anos)⁴ morava na casa do lado. A numeração da casa de “Mãe Noca” (como era chamada Joana Carolina pelo neto) não estava visível, mas os locais e as moradias próximas indicavam que devia ser uma de numeração cento e pouco. Quem nos recebeu foi uma senhora de óculos polarizados, com algo mais de quarenta anos. Ângela Lins apresentou a visitante como Lindô: moradora da vizinhança e filha de Nilza, uma empregada que trabalhou na casa da tia Laura.

A moradora oficial desse endereço em 2009 era uma senhora com cerca de 80 anos cujo nome, por ter sido anotado a lápis, ficou apagado na caderneta. A família que vive defronte da outrora casa de Joana Carolina passava essa tarde no alto da calçada.

Tinha começado para nós, como viajantes, a passagem pelo tempo em que os habitantes da cidade faziam vida porta a fora. Antes de cruzar o umbral da segunda casa do escritor, um jovem e um senhor de óculos escuros (ambos de chinelos) passaram pela rua oferecendo desinfetantes caseiros das mais variadas cores, embutidos em gradeados de plástico vermelho.

O acesso à casa que havia sido de Joana Carolina apresenta uma leve descida. Caminham-se alguns degraus, deixa-se atrás uma grade branca (que separa a escadinha quase rua da antessala quase casa), continua-se pé ante pé acima de um trecho xadrez em tons vermelho e branco, observa-se a extensão alongada da antecâmara (equivalente ao espaço





a cama. Deixei a luz acesa. Sentia não sei que prazer em contar as vigas do teto, em olhar para a lâmpada. Desejava que nenhuma dessas coisas me afetasse e irritava-me por começar a entender que não conseguiria afastar-me delas sem emoção”.⁵ De certa forma, a interseção desta “lembrança saliente” com o fato de estar ali (*en passant*, “entrantes”) começava a gerar uma sensação de familiaridade.

Pavimentado com cimento rústico, o cômodo a seguir estava destinado, principalmente, a questões de manutenção. Ficavam visíveis o varal com uma toalha coral e um

em que as vizinhas defronte conversam na calçada alta), contam-se três cadeiras de metal vermelho e uma de metal branco (expressão de acolhimento hospitaleiro) e cruza-se, por fim, a porta clara que dá acesso à antiga casa de Osman Lins.

Em contraste com a claridade de fora, dentro predomina a obscuridade. Afinal, não havia chegado ainda a hora de acender as luzes. Os quadrados do piso hidráulico no chão interno nos conduzem a dias de passadas *coquetteries*. São da cor de terracota com ornamentos em branco. O detalhe, porém, ocupa apenas a sala, pois o assoalho do primeiro cômodo era uma placa de cimento lustroso.

Lindô nos conduz ao cômodo que foi de Osman Lins. Nenhuma das visitantes se atreve a entrar. Havia recompensa maior do que estar de pé naquela sala, após o planejamento grupal em tempo recorde? Um novo contraste se estabelece entre a iluminação da sala e a do quarto. O pequeno armário de madeira clara guarda os pertences da moradora. O espaço íntimo há de ter uma abertura cuja luz natural faz vibrar os tons laranja e rosa *shock* do lençol, ainda antes das 17h.

Enquanto isso, o teto nos mostra uma visão temporalmente deslocada do protagonista de “A partida”: “[...] fui para

5 | LINS, Osman. “A partida”. *Os gestos*. São Paulo: Melhoramentos, 1975. p. 48.



vira-lata que acompanhava a senhora de idade. O nome do cachorro era Veloso. Mudando duas letras podia ter sido um Veludo teletransportado, como o primeiro cachorro que o escritor teve nessa casa.

Enquanto Veloso latia, Elizabeth conversava com a dona de mais idade. Não lembro um átimo desse diálogo, preocupada como estava com a luz escassa e a necessidade imperiosa de registrar aquelas silhuetas. Lembro-me, isso sim, que a senhora nos apresentou com orgulho o pátio traseiro da moradia (povoado, metros além, por uma comunidade) e sua cozinha (com uma coleção de panelas límpidas). O chão da cozinha, de um tipo que não tínhamos visto na construção, continuava sendo de terracota, mas agora com forma de celas de colmeia.

A visita não demorou muito mais. Depois de trocar um dedo de prosa com a senhora da casa, sentimos ter chegado o momento de continuar com a aventura em Vitória. Refazendo o caminho, do fundo até a escadinha, Lindô nos pediu para aguardar. Assim o fizemos fora da casa, na frente de um estabelecimento fechado, chamado Glaucon Confecções.

A filha de Nilza queria mostrar ao grupo uma relíquia de família: uma foto que Osman Lins deu de presente para Mãe Noca, mas cuja dedicatória ilegível (caneta preta sobre cartolina marrom) tinha sido parcialmente coberta por um líquido. O retrato mostrava claramente o autor em um ato de formatura. E entendia-se à perfeição o nome da destinatária. Nesse instante dissemos adeus à moradora, a Lindô e ao CEP 55.602-170, em outro tempo de Joana Carolina.

No regresso até os veículos, passamos de novo pela feira. Encontramos um pequeno armazém de vassouras e artigos de limpeza e uma casa a meio fazer. Notamos também que as melancias no chão eram a síntese do final da venda sabatina. O poste dessa via abandeirava mais uma indicação chamativa: “Rua Esc. Osman Lins. CEP 55.602-075”. Nossa expedição, porém, estava longe de esmorecer.

Curiosas que somos, propusemos conhecer o cemitério de Vitória. Ângela Lins, que nos acompanhava, satisfez gostosamente o pedido. Chegamos ao campo santo centenário (fundado em 1873) por volta das 17h e fomos advertidas pelo zelador que dali a uma hora, no máximo, devíamos findar a visita. Na cabeça de ninguém caberia que aquilo fosse também um passeio. “Onde descansa o corpo de sua bisavó paterna?”, perguntamos. Ângela Lins respondeu que nesse cemitério, mas desconhecia os dados precisos do túmulo. Joana Carolina jaz, disse-nos, em Vitória como Maria da Paz e como boa parte desse grupo familiar. Caminhamos tudo o que nos foi possível, para cima e para baixo e algumas transversais. Vimos um anjo sentadinho no alto de uma pilastra. Uma imensa lápide dedicada à Irmandade das Almas⁶ (referenciada no Segundo Mistério do “Retábulo de Santa Joana Carolina”). Capelas mínimas. A igreja da avenida central do cemitério, e uma advertência no portal que findava o local: “Aqui somos todos iguais”.⁸ Passado o tempo, a frase faz pensar no “mistério final” do “Retábulo”, no instante em que aquele narrador na primeira pessoa



6 | Existem no Brasil muitas “irmandades das almas”. Segundo um de seus estatutos, estas são concebidas como “associações públicas de fiéis, erectas canonicamente pela Autoridade Diocesana, que gozam de personalidade jurídica no foro canônico”. Outros religiosos as definem como confrarias com funções caritativas e assistenciais. Veja-se um modelo de estatuto no sítio: <http://www.padrejulio.net/dossiers/mensagens/bispo/estatutos/irmandadedasalmas.htm>. Acesso em: 01/07/2014.

7 | Lins, Osman. *Nove, novena*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 74.

8 | Uma tradução da frase *Omnes similes sumus*. Fórmula simplificada, por sua vez, da expressão *Quod fuimus estis, quod sumus vos eritis* (“fomos o que sois, somos o que sereis”).



do plural (aquele coletivo) começa a falar de si:

[...] nós, hortelões, feireiros, marchantes, carpinteiros, intermediários do negócio de gado, seleiros, vendedores de frutas e de pássaros, homens de meio de vida incerto e sem futuro, vamos conduzindo Joana para o cemitério, nós, os ninguéns da cidade, que sempre a ignoraram os outros, gente do dinheiro e do poder.⁹

9 | LINS, Osman. *Nove, novena*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 113.

Com o gesto de quem simpatiza com a curiosidade alheia, o zelador presenteou-nos com mais meia hora. Às 18h30 fechou o portão, despediu-se e dirigiu-se até a Administração. Infelizmente não encontramos os túmulos procurados, nem vimos no cemitério (talvez porque não mais existam) o tipo de nicho conhecido como “caixa das almas”. Um tema sobre o qual Ângela Lins proporciona uma interessante explicação:

Nesses pequenos nichos, que faziam parte dos próprios muros, havia sempre uma imagem de Nossa Senhora, onde à noite se colocavam velas acesas. Colocavam-se também moedas para encaminhar as almas para o céu por conta dessas pequenas oferendas. No cemitério havia essas “caixas das almas”. No dia de nossa visita não vi nenhuma [...], mas acho que isso, de alguma forma, mexia com o imaginário de papai quando ele era criança. Era uma coisa muito mística, cheia de mistérios e de sentimentos piedosos. As ruas, à noite, ficavam bonitas porque cada muro tinha uma vela acesa dentro de sua “caixa das almas”.¹⁰

10 | Depoimento de
29/6/2014.





No “segundo mistério” do “Retábulo de Santa Joana Carolina”, a personagem de Joana tem 11 anos e será futuramente – do ponto de vista do narrador desse fragmento – mãe de Laura. O segundo tesoureiro da Irmandade das Almas retoma com abundância de detalhes o que a filha do escritor comenta linhas acima. Aliás, não são poucas as frases ou cenas do “Retábulo” que remetem a assuntos cemiteriais:

Joana carece de divertimentos. Não faz muitas semanas, descobriu duas coisas que não custam dinheiro e lhe causam prazer: acompanhar enterros de crianças; um ninho de escorpiões, no fundo do quintal. Pondo-os numa lata, brinca com eles; vai ao cemitério e deixa-se ficar junto à Caixa das Almas, até que o cheiro de pão e de café mescla-se à luz do ocaso.”

11 | LINS, Osman. *Nove, novena*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 75.





Também no ocaso deixamos atrás cruzes e lápides, rumo ao Recife. Não sem o impacto que ainda hoje (e depois de um número indeterminado de releituras) provoca o pensamento e a fatura elaborada de um escritor brasileiro (pernambucano de nascimento e universal como ele só) que fusionou com primor as relações entre o homem e o mundo, o mais fino véu do íntimo e o imenso manto da totalidade.



